



Cultura Corporal: A Educação Física contra-hegemônica vai ao ar.

Giovane Rodrigues Nobre, Lucas do Prado Siqueira, Lucínio José Souza da Silva

Resumo

Este relato de Experiência fala da produção de um programa para a TV universitária que exhibe temas pertinentes à Educação Física. A concepção por nós adotada expressa uma visão alternativa que faz um movimento contra ideológico que é divulgada pela grande mídia.

A proposta do curso de Educação Física da UFF

Preconizamos uma Educação Física para todos e não apenas para os mais habilidosos. Falamos para gente comum que quer praticar atividades de Educação Física com fins educativos, estéticos, de aprimorar a saúde ou como atividade de lazer. Concorremos para este fim desenvolvendo e transmitindo conteúdos didáticos pedagógicos sobre Educação Física, Esporte e Lazer.

A Origem do programa

No ano de 2006 estávamos em fase final de elaboração do currículo do curso de Educação Física que viríamos posteriormente a implantar na Universidade Federal Fluminense. O curso tem disciplinas bem peculiares como a de “Lutas” adotada, até o momento, por poucos cursos no Brasil, o que nos permite inferir a pouca existência de material didático relativo ao tema. Identificado o problema decidimos produzir um material didático que pudesse auxiliar o professor dessa disciplina. Na fase preliminar do projeto pensamos em reunir os especialistas de cada luta que abordaríamos discutir o tema, selecionar as técnicas e filmá-las. Nas conversas que nós, os participantes do projeto, realizamos o planejamento evoluiu para filmarmos também as discussões, pois entendíamos que poderiam ser um interessante material. Numa etapa posterior surgiu a idéia de realizarmos um programa semanal na TV Universitária de Niterói e São Gonçalo, com o material que produzíamos.

No ano de 2007 desenvolvemos o programa sobre o tema das lutas na Unitevê. Deste material produzido geramos um vídeo que traduz a nossa proposta e estamos desenvolvendo vários outros relativos a cada luta específica.

A experiência que tivemos tanto na produção dos programas que passaram a ir ao ar através do canal Universitário quanto na elaboração do vídeo, nos levou a refletir sobre a importância de produzir e ler imagens.

Nós da Educação Física, lidamos com imagens a maior parte do nosso tempo, e ao invés de produzi-las as descrevemos. Considerou-se então que ensinar aos alunos a produzir imagens seria provê-los com uma importante ferramenta didática. Nesse sentido se criou no currículo do curso de licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense a disciplina “Oficina de Áudio Visual, que tem tanto o objetivo de dar aos alunos os elementos que os ajudem a fazer uma leitura crítica das imagens quanto produzi-



las. Entendemos, todavia que essa disciplina não terá sucesso desejado se não estabelecermos as condições para que os alunos exercitem o que lhes for sendo ensinado. Com este objetivo vimos desenvolvendo na disciplina Introdução a Educação Física uma atividade que foi denominada de “Seminários Filmados”. Deu-se início a esta atividade no primeiro semestre de 2007 o que resultou, até o momento, na produção de cerca de 35 vídeos, sobre Educação Física.

Portanto, o curso empenhou-se em divulgar a importância do material áudio visual ao mesmo tempo em que procurou envolver os alunos na familiarização e produção destes recursos.

O Porquê de um programa de TV sobre Educação Física

Gostaríamos de começar perguntando: Como os principais meios de comunicação retratam a Educação Física? Se fossemos fazer uma pesquisa baseado nessa pergunta, as respostas teriam predominantemente relação com esporte. No senso comum a Educação Física continua sendo identificada como sinônimo de Esporte; o Esporte espetáculo. Este, que apropriado pelos meios de comunicação, reforçam os valores do capitalismo, como: o Individualismo através da homogeneização da maneira de pensar. No entanto, não é só do Esporte que a mídia se apropria, mas também do nosso corpo, interferindo fortemente na formação da nossa subjetividade. Para entender como isso ocorre, precisamos primeiramente desconstruir que o nosso corpo é propriedade exclusiva de cada um de “nós” e que a subjetividade é sinônima de individualidade. (GUATARI, 1996) Somos um corpo no mundo, por isso, nosso corpo é construído a todo o momento, formando uma relação dialética entre Corpo-Mundo (GALLO,2006). Nossas formas de ser, sentir, pensar e agir são construídas, num processo chamado de subjetivação ou produção de subjetividade. Por isso a importância de construir um programa que nada contra a corrente, que se propõe contra-hegemônico.

A equipe

Somos: Gabriel Matos, Giovane Nobre, Lucas Siqueira e Lucínio Souza. Estamos todos cursando o quarto período de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal Fluminense. Fazemos parte do grupo de pesquisa: Educação Física e Formação Humana, e somos a equipe de produção do programa: Cultura Corporal, que vem a ser um projeto de extensão ligado ao grupo de estudo mencionado anteriormente.

A vivência dos envolvidos no programa

Tivemos o primeiro contato com os equipamentos de gravação na disciplina introdução a Educação Física, ministrada pelo professor Waldyr Lins de Castro. Nessa disciplina, tivemos que fazer um trabalho para conclusão da matéria denominado: Seminário Filmado. Que consistia em uma divisão dos alunos em grupos as quais foram atribuídos temas relacionados à cultura corporal: lutas, jogo, ritmo e esporte. O objetivo deste trabalho não era somente a apresentação da tarefa, mas sim uma produção conjunta entre todos os alunos que cursavam esta disciplina, a fim de discutir os temas abordados e as técnicas utilizadas na produção áudio-visual, numa proposta de valorização desse instrumento didático aliando a aquisição dos conteúdos ao aprendizado de uma técnica.



Concomitantemente, o professor estava reestruturando um programa na TV universitária de Niterói e São Gonçalo. Após o seminário filmado ele abriu as inscrições para quem se interessasse pelo projeto. O interesse que os Seminários Filmados despertou em nós fez com que nos candidatássemos e viéssemos a trabalhar na produção dos programas. O primeiro passo foi escolher o nome do programa. Após várias sugestões e debates terminamos por resgatar o nome anteriormente utilizado: Cultura Corporal. Outro fato de extrema importância nesse início foi o debate sobre quais deveriam ser os princípios que norteariam o programa. O Cultura Corporal se definiu com uma identidade crítica. Não iríamos ser uma reprodução da grande mídia. Assim, os programas têm como objetivo mostrar a outra faceta do que é exibido pelos meios de comunicação que consideramos enquanto aparelhos privados de hegemonia, que submetidos aos interesses políticos e comerciais, mascara os fatos criando novas realidades, novas maneiras de ser e estar nessa sociedade que é dividida em classes sociais.

Começamos sem condições propícias para produzirmos programas com uma boa qualidade técnica. Apenas possuíamos uma câmera e um aparelho de DVD, e com essa aparelhagem bastante amadora realizávamos as gravações das nossas mídias. Apenas pegávamos gravações antigas, e fazíamos um “corte seco”, para poder caber dentro do tempo estimado pela UNITEVÊ. Com o tempo fomos adquirindo uma maior experiência, e a nossa pós-produção foi melhorando gradativamente. Aos custos do nosso coordenador de projeto, recebemos uma placa de captura e um software de edição. Fazendo com que nossas produções tivessem um ganho considerável de qualidade técnica.

Na perspectiva de que continuamos melhorando o nosso conhecimento técnico, Além de produzir os programas a serem apresentados na TV universitária, passamos, também, discutir periodicamente sobre temas cujo conteúdo nos fundamenta, atualiza e ajuda a melhorar o nosso trabalho. Um dos livros discutidos foi “Padrões de manipulação na grande imprensa”. A partir da discussão desse texto construímos ferramentas para termos um olhar mais crítico sobre o que os meios de comunicação nos apresentam, e de quando somos manipulados seja, pelos jornais falados, novelas etc. Um fator que dificulta em muito a tarefa contra hegemônica que procuramos realizar é a excelente competência técnica e os recursos tecnológicos das emissoras de TV brasileira.

Nossa proposta é remar “contracorrente”, fazendo um trabalho que mostre as versões que a grande mídia comercial apresenta. Mas na prática, como isso pode ser feito? Não temos a intenção de reproduzir a estética predominante, no intuito de transformar algo que está consistentemente formado, construímos nosso programa sugerindo uma nova estética, que procura não segmentar as imagens e despertar a reflexão dos tele espectadores. Alguns estudiosos da comunicação acreditam que é possível democratizar os meios de comunicação e mudá-los por dentro, nós entendemos que a comunicação como um todo só mudará se o sistema mudar. A título de ilustração, imaginemos, dois copos, um com água do mar, e o outro com água doce, bebendo cada um separadamente, conseguimos distinguir o gosto de cada um, porém, se jogarmos a água doce no mar, e enchermos o copo de novo, o gosto será salgado, assim como a água do mar pura. Consideramos, portanto, que se tentássemos mudar a mídia por dentro seríamos assimilados por ela. Entendemos que a mudança do sistema é algo muito mais complexo que depende de uma conjuntura adequada, todavia, se não podemos mudar o sistema



podemos aproveitar o espaço das TVs Universitárias e Comunitárias e seguir divulgando as nossas concepções, utilizando uma forma alternativa de produção áudio visual.

Na dinâmica de trabalho do Cultura Corporal, um fato de grande importância a ser destacado é o entrosamento do grupo. Somos formados por alunos da mesma turma e, por isso, já temos um laço afetivo fortemente construído. O fato de ser da mesma turma, entretanto, também tem seus pontos negativos, nossa grade de matérias é bem parecida, senão a mesma. Quando, por exemplo, o entrevistado só tem um horário para realizar a entrevista e esse horário coincide com o horário de uma de nossas aulas, temos que analisar e relevar. Quando a entrevista não dá pra ser feita em outro momento, escalamos duas pessoas para irem à aula e nos passarem os conteúdos, enquanto as outras duas fazem a gravação.

A organização

Reunimos-nos semanalmente às quartas-feiras às 15:00min. Em nossa reunião, temos a presença três colaboradores que provém da TV comunitária de Niterói. Eliana Slama, coordenadora do nosso grupo de estudo, que registra as nossas reuniões, e mais dois colaboradores, Mauricio de Alcântara e Jamil Moura, que nos dão informações sobre a Pré e a pós-produção.

Dias horários e endereços

Realizamos um programa semanal sobre Educação Física, que tem a duração de 30 minutos e vai ao ar as 2ª feiras às 12h30min, e é reprisado as terças feiras às 18h00min e as sextas feiras às 09h00min. O programa vai ao ar através do canal 17 da NET e também pode ser assistido no endereço da WEB www.uff.br/uniteve.

Equipamento utilizado

- Uma Câmera JVC: GY-DV300/Mini DV
- Um Microfone Le Son Professional Line
- Um Headphone Hi-Fi: HD-828v/ Estéreo
- Uma placa de captura Pinnacle
- Dois softwares de edição: Pinnacle Movie Studio 12; Pinnacle Movie Studio 14

Conclusão

Não desconsideramos o poder de influencia da grande mídia que impõe a sua estética e programas que se baseiam em realimentar o senso comum. Todavia continuaremos na luta para manter o nosso programa ocupando esse importante espaço na TV universitária.

Referencias Bibliográficas



III Congresso Sudeste de Ciências do Esporte
Mega Eventos esportivos no Brasil: seus impactos e a participação popular
Niterói – RJ
23 a 25 de setembro de 2010

ISSN 2179-8141

ABRAMO, Perseu. Padrões de manipulação na grande imprensa. São Paulo: fundação Perseu Abramo, 2003

FREIRE, João Batista. Educação de corpo inteiro. São Paulo: scipione. 1989

GUATARI, Felix e ROLNIK, Sueli. Subjetividade e história in Cartografias do desejo, Petrópolis. Vozes 1996

MOREIRA, Wagner. Século XXI: A era do corpo ativo. São Paulo, Papirus, 2006